

UM OLHAR SOBRE O ISLAMISMO NO MUNDO PÓS 11 DE SETEMBRO DE 2001*

*RODRIGUES Jr., Luiz Carlos Saldanha***

Introdução

A mensagem do Islã é simples: para atingir a salvação, basta acreditar num único Deus (Allah) e seguir os cinco preceitos da fé muçulmana: 1) a recitação e aceitação da crença (Shahada); 2) orar cinco vezes ao longo do dia (Salá, Salat ou Salah); 3) pagar esmola aos necessitados (Zakat ou Zakah); 4) observar o jejum no Ramadã (Saum ou Siyam); 5) fazer a peregrinação a Meca (Hajj), se tiver condições físicas e financeiras. No entanto, os atentados de 11 de Setembro fizeram emergir a cultura dos martírios executados em nome de Allah, que sob esse pretexto, mostram uma visão equivocada e preconceituosa do mundo muçulmano. Morrer e/ou matar pela fé deixou de ser uma declaração de força mística e passou a ser tratada como um negócio lucrativo e, no contexto, fator de risco para a paz mundial. Os prognósticos mais realistas não são bons, considerando as relações de poder que, fomenta a violência, como forma única de impor crenças ou de estabelecer novos limites geopolíticos.

O surpreendente ataque ao World Trade Center em Nova York, ao prédio do Pentágono em Washington-DC, e o seqüestro do voo nº 93 da United Airlines, este acidentado na Pensilvânia, atribuído a um grupo de muçulmanos fundamentalistas liderados por Usāmah Bin Muhammad bin 'Awaed bin Lādin e cujo treinamento fora obtido por insuspeitos aeroclubes sediados em solo americano, marcou a primeira década do século XXI.

Perplexos e sem esboçar qualquer reação, assistimos em tempo real os eventos daquela terça feira que ceifou a vida de 2.973 pessoas.

E foi com assombro que mantivemo-nos por horas a fio, acompanhando as imagens e sons terríveis, que ficariam impressas em nossas memórias.

Quem em sã consciência seria capaz de promover tamanha hediondez?

Quais motivos levariam tais pessoas a impingir tamanho sofrimento a tantos inocentes?

Não tardou muito e as respostas a essas indagações começaram a circular na velocidade da luz pelo mundo afora, e a Al-Qaeda, uma organização constituída para reduzir a

* O estudo do Sagrado no Cotidiano, Identidade e Diversidade Cultural proporcionado pelo Programa de Mestrado de Desenvolvimento Local no Contexto de Territorialidades da UCDB, nos conduziu ao questionamento de alguns aspectos da religiosidade e sobre os motivos que levam ao derramamento de sangue em atos praticados em nome de Deus.

** Mestrando em Desenvolvimento Local no Contexto de Territorialidades pela UCDB (2010), Especialista em Direito Constitucional pela UNISUL (2008), Advogado e Professor Universitário.

influência não-islâmica sobre os muçulmanos e até então desconhecida do público ocidental, reivindicou a autoria dos atentados.

Os prejuízos materiais e humanos foram impressionantes; o trauma coletivo advindo com aquele ato demoraria anos para ser superado; e a política belicosa adotada a partir do evento, reavivou o temor de uma nova guerra mundial.

Para fins deste artigo, o que se pretende é contextualizar a mudança de paradigma do Islamismo após o “onze de setembro” e a sua influência no mundo.

Uma primeira consequência dos atentados foi à mudança na política americana em suas relações com os estrangeiros.

O governo americano voltou-se, primeiramente, contra os cidadãos de fé islâmica e com a edição do *Patriot Act*, de 26-10-2001³, que foi muito além de dificultar a concessão de vistos, possibilitou o uso das forças armadas em território estrangeiro, para sobrepujar grupos ou células terroristas, onde quer que se encontrem.

Essa mudança de paradigma é importante, porque as regras de direito internacional não obrigam a declaração da fé em documentos oficiais.

Com base no *Patriot Act*, o governo americano passou a exigir a declaração de fé para admitir ou não o ingresso de qualquer pessoa em seu território, em especial, para aquelas que possuíssem cidadania de origem Árabe -Arábia Saudita, Iêmen, Omã, Emirados Árabes Unidos, Jordânia, Iraque, Síria, Líbano, Kuwait, Catar, Egito, Bahrein, os africanos Líbia, Tunísia, Argélia, Marrocos, Sudão e Somália- e dos imigrantes provindos de qualquer região do planeta.

O conceito de cidadania afeto ao Direito Internacional foi ampliado para adequar-se ao *Patriot Act* americano, como requisito essencial para a admissão de estrangeiros nos Estados Unidos.

Dessa forma, os Estados Unidos, um País sabidamente democrático e laico, abriu as portas para críticas e excessos e recentemente a própria corte suprema dos Estados Unidos mitigou os rigores do *Patriot Act*, ao garantir o direito de defesa aos presos na Base Naval da Baía de Guantánamo, no sul da ilha de Cuba.

O Islamismo e Mundo Contemporâneo⁴

³ Entre as medidas do *Patriot Act* estão: a invasão de domicílio, espionagem, interrogatório e torturas de suspeitos de espionagem ou terrorismo, sem direito a defesa ou prévio julgamento.

⁴ ISLAMISMO, acesso em 06/05/2010, *passim*.

O Islã é a segunda religião em número de fiéis, ficando atrás apenas do cristianismo, segundo pesquisa publicada na *CIA World Factbook* em 2005.

O islamismo permanece em rápida e ascensão desde o início da década, estimando-se haver mais de um bilhão de fieis. Dado significativo, considerando o número de atentados terroristas atribuídos a grupos muçulmanos fundamentalistas e que estampam as manchetes noticiosas pelo mundo.

O atentado de 11 de Setembro de 2001 surtiu um efeito colateral inusitado, a crescente conversão daqueles que, procurando entender os motivos de um *Jihad*, encontram no islamismo a oportunidade de repensar a própria fé.

A interpretação feita pelo Ocidente de que a *Jihad* é uma guerra violenta destinada a transformar pessoas em islâmicas à força é fundada nos diversos ataques terroristas e militares sofridos pelo Ocidente em nome da religião islâmica e de suas crenças; entretanto há quem afirme que os atentados de homens-bomba ou as ameaças a meios de comunicação ocidentais que ousem fazer qualquer crítica aos pilares da crença muçulmana não seja exatamente a definição de *Jihad*, mas resultado de uma percepção equivocada e oportunista de alguns islâmicos.⁵

O Islã tem como principais dogmas, a fraternidade e a igualdade entre os homens, mas isso não impede que surjam interpretações do Livro Sagrado (Alcorão) proclamando que o tradicional inimigo Árabe, o povo judeu, deva ser derrotado, conforme se vê dos discursos inflamados de alguns Imãs⁶.

Segundo o censo realizado em 2000, o Brasil registra 27.239 muçulmanos. Mas esse número já era contestado pela Federação Islâmica Brasileira que o calculava em mais de um milhão, o número de muçulmanos em solo brasileiro.

A maioria dos muçulmanos brasileiros vive nos estados do Sul, Sudeste e Centro-Oeste e é formado, em grande parte, por descendentes de Sírios e Libaneses que para cá vieram logo após a Primeira Grande Guerra Mundial (1914-1918).

Uma Difícil Convivência: Tradição e Modernidade

Existem correntes islâmicas que pretendem conciliar o Islã com aspectos da modernidade, principalmente a comunidade ativa nos Estados Unidos e na América do Sul.

Assim como acontece no Judaísmo e no Cristianismo, o Islamismo reconhece a existência de movimentos fundamentalistas, cuja interpretação radical da doutrina da fé, serve de pretexto para atrocidades, como o “onze de setembro”.

⁵ WIKPÉDIA. **Jihad**, acesso em 12/5/2010.

⁶ Imã: refere-se aquele que comanda as orações, geralmente teólogos ou estudiosos do Livro.

No contexto das tradições islâmicas, e das interpretações do Alcorão, há uma clara resistência às novas concepções do texto, porque de difícil difusão entre os crentes. E essa tendência, de fundo cultural, se sustenta justamente para evitar que interpretações equivocadas generalizem o preconceito com o diferente, em termos de fé.

O Alcorão, em árabe, tem o significado de leitura, recitação e é venerado como tendo sido revelado por Deus por meio do anjo Gabriel.

No Alcorão, por ser abrangente, fala-se de crença, virtudes morais, comportamento social e familiar, comércio e até de relações internacionais. Sendo, pois, considerado mais objetivo que a Bíblia cristã ou a Torá.

O profeta Muhammad, segundo a tradição islâmica, por ter sido o último profeta, foi capaz de reunir nas 114 *suratas*, ao longo de 23 (vinte e três) anos⁷ da revelação, todo o conhecimento necessário para que a humanidade fosse salva por Deus.

Ao definir religião (DEL PRIORE, 1995) resume: “A religião se configura num conjunto de formas de conhecimento e de crença que religa as experiências concretas das pessoas ao significado que elas atribuem, ao sentido que dão à vida e à morte.”⁸

Considerando a história do Islamismo e de como o uso da força foi necessário para a formação das bases da fé é que algumas interpretações mais radicais do Alcorão justificariam os martírios em nome de Deus, contudo.

A tolerância com religiões no seu conjunto ou com uma ou outra de suas partes (crenças, seitas, ordens, movimentos ou comunidades) pode variar de acordo com a sua natureza, o tempo histórico e a relação com outras religiões ou suas partes.⁹

Como se extrai do fragmento acima, tolerância não significaria apenas convivência ou co-existência, mas plena aceitação; e, por conta das origens da fé, facilita o surgimento de interpretações preconceituosas da religião do vizinho.

Assim, tudo aquilo que não é aceito por uma sociedade pode ser compreendido e aceito por outra. E aí temos uma receita apropriada, para discursos radicais e extremados que recheiam os jornais num mundo globalizado.

O processo de violência, desencadeado no dia 11/9/2001, serviu para acirrar os ânimos daqueles que, sabendo da força americana, esperavam uma resposta precisa, o que sabemos não ter acontecido.

⁷ O Alcorão teria sido revelado em duas etapas por Deus. A primeira aconteceu na chamada noite do decreto, quando as bases de orientação destinada para toda a humanidade; a segunda, apenas para os convertidos, foi revelada pelo Anjo Gabriel.

⁸ DEL PRIORE, Mary, 1995, 72 p.

⁹ GIL FILHO, Sylvio Fausto, 1947, *passim*.

Em resposta, ao invés dos Estados Unidos da América limitar seus esforços em operações de inteligência contra a Al-Qaeda no Afeganistão, o governo americano lançou uma cruzada militar que se estendeu até o Iraque e que culminou com a deposição e posterior execução de Saddam Hussein Abd Al-Majid al-Tikriti e a ocupação, até os dias de hoje.

Terrorismo e Fundamentalismo Islâmico

O islamismo, como crença, não se compatibiliza com o terrorismo. Aliás, o terrorismo não é o meio adequado para resolver quaisquer das questões de fé.

Em verdade, o terrorismo político é um fenômeno recente, surgido na revolução francesa no Século XIX. Antes disso, em Roma (27 a.C. - 479 d.C.) a motivação para assassinatos, mutilações e ameaça de violência residia exclusivamente no desequilíbrio das relações pessoais, individualmente consideradas.

O terrorismo político clássico, como conhecemos, teve seu ápice na década de 1970, quando surgiu a expressão “terrorismo internacional”, para explicar o consorcio de indivíduos de diferentes nacionalidades e etnias, que reuniam esforços contra um inimigo comum.

Durante a década de 1990 a expressão “terrorismo internacional” é substituída por “terrorismo de estado” porque a luta é contra uma personalidade de direito internacional (o Estado), sua forma de ser, ou pela simples existência do mesmo.

Os grupos dispostos nesta luta, denominados terroristas, em sua maioria questiona a existência ou forma de ser de um determinado país, pouco importando se os atingidos serão civis inocentes ou pessoas jurídicas.

O terrorismo usa como ferramenta a força bruta como meio para se obter algo que, basicamente, não é legitimamente devido.

Por isso o “terrorismo de estado” não guarda qualquer relação com o termo *Jihad*, que no ocidente resultou na expressão “guerra santa”, mas que significa, em verdade, o complexo processo de conversão dos infiéis, ainda que pela violência.

Mas para fins deste trabalho, não há qualquer preocupação em estabelecer a existência do elemento terrorismo no processo de *Jihad Islâmico*, embora seja expressivo o número de atos terroristas atribuídos aos muçulmanos.

É que o *Jihad* deve ser mesmo tomado e compreendido como um processo, um meio, e não como fim em si mesmo. Somente assim podemos entender que o Islã é amor, que o Islã é paz e o significado da sura de abertura do Nobre Alcorão, com sete versículos:

Sūratu Al-Fatihah: em nome de Deus o Clemente, o Misericordioso. Louvado seja Deus, Senhor do Universo, Clemente, o Misericordioso, Soberano do Dia do Juízo. Só a Ti adoramos e só de Ti imploramos ajuda! Guia-nos à senda reta, à senda dos que agraciaste, não à dos abominados, nem à dos extraviados.¹⁰

Há estudos que tentam explicar o que seja fundamentalismo, mas sob os seguintes e principais aspectos:

1. O Fundamentalismo é uma tentativa que as religiões fazem de retornar às suas origens, por sentirem que a doutrina principal está sendo submetida a alterações muito profundas, que podem fazer a religião modificar-se. Sendo a religião islâmica uma revelação dita divina e sendo o seu profeta Maomé, uma figura perfeita, nada do que ele colocou e terminou como parte da doutrina pode ser alterado, sob pena de ser considerado blasfêmia, perjúrio ou ação da divindade do mal, Satanás.
2. O fundamentalismo é, assim, uma espécie de reação de defesa do organismo religioso e também, em especial no caso do Islã, é entendido como uma espécie de Renascimento, ou seja, ao voltar às suas origens, a Fé experimenta uma nova Era, uma revigoração, portanto, Renasce.
3. O Fundamentalismo Islâmico não é o único fundamentalismo religiosos que aflora na cena política internacional, nos nossos dias, mas é o que mais chama a atenção do Ocidente, em especial depois do ataque de 11 de setembro de 2001, quando este movimento, radical, resolveu dar por iniciada uma guerra aberta contra o Ocidente e, em especial, contra os Estados Unidos e o seu modo de viver.¹¹

No caso, as questões de fé não podem ser resolvidas pela força bruta, ou pela imposição desta ou daquela posição dogmática. Antes, e ao contrário, o diálogo entre as partes em conflito sempre foi fecundo para solver tais diferenças.

Mesmo antes do “onze de setembro” o mundo já havia superado os excessos das Cruzadas (1095 a 1270) e não mais se questionava sobre diferenças religiosas, embora elas ainda existissem.

As questões comerciais passaram a ocupar os debates entre os estados juntamente com as divergências resultantes da II Guerra Mundial (1939-1945).

O surgimento do Estado de Israel em 14 de maio de 1948, por exemplo, provocou descontentamento dos países árabes¹² Egito, Jordânia, Síria e Líbia e outros, que não concordaram com o “plano de partilha da Palestina” totalmente idealizado e executado pela ONU (1947).

Para a criação do Estado de Israel a comunidade Internacional (ONU) desalojou os palestinos que, igualmente reivindicam a criação do Estado da Palestina no mesmo espaço

¹⁰ NASR, Helmi, 2009, p. 16.

¹¹ SAMPAIO, Fernando G., 2010, *passim*.

¹² Conjunto de países situados na península arábica.

geográfico destinado a Israel. Um território alvo de constantes disputas desde o fim do século XIX, quando colonos judeus migraram para a região.

O Egito acabou por perder o território que é conhecido por “Faixa de Gaza” e a Jordânia outro, a “Cisjordânia”, na “Guerra dos Seis Dias” (1967), provocando diretamente a maciça fuga dos palestinos dessas áreas ocupadas.

Os constantes ataques, provenientes de extremistas sediados na “Faixa de Gaza” ou na “Cisjordânia” e supostamente financiados pela Líbia, Egito e Jordânia, justificaram aquela ação militar israelense.

Portanto, a disputa circunscreve-se à ocupação de um mesmo território por povos de culturas distintas, israelenses e palestinos, ou seja, judeus de um lado e muçulmanos de outro.

A Contribuição Americana Para o Caos

O fim da segunda guerra dividiu o mundo em duas porções distintas, aquela controlada pela força dos soviéticos e a que coube aos Países Aliados.

Naquele momento particular da história moderna, onde os americanos acabaram de utilizar a bomba atômica contra o Japão, reclamando para si a posição de superioridade tecnológica os soviéticos iniciaram um processo de disputa que se denominou de “Guerra Fria” (1945-1989).

Foi no auge da Guerra Fria que os Estados Unidos financiaram operações militares afegãs contra a extinta União Soviética.

Os americanos treinaram diversos grupos afegãos e lhes forneceu armamento para combater o inimigo vermelho, aproveitando-se das dificuldades do terreno, fustigando as linhas de suprimento soviéticas com ataques coordenados.

E não por acaso quando a União Soviética ruiu, imediatamente foi suspensa toda essa ajuda financeira ao Afeganistão, que mergulhado em uma guerra civil, geograficamente isolado e governado pelo Talibã – aqueles que estudam o livro-, tornou-se terreno propício para acolher fundamentalistas islâmicos que, além de interpretar o Alcorão radicalmente, pregavam a destruição de Israel.

Desde o final dos anos 1970, o Afeganistão vem sofrendo uma guerra civil contínua e brutal, que incluiu intervenções estrangeiras como a invasão soviética de 1979 e a recente ação chefiada pelos EUA que derrubou o regime dos talibãs. No final de 2001, o Conselho de Segurança das Nações Unidas autorizou a criação de uma Força Internacional de Assistência e Segurança (*ISAF*, em inglês), composta por tropas da OTAN que apóiam os esforços do governo do presidente Hamid Karzai para estabelecer o

império da lei e para reconstruir a infra-estrutura do país. Em 2005, o país assinou com os EUA um acordo de parceria estratégica que prevê uma relação de longo prazo entre as duas partes. Vários milhões de dólares foram recebidos da comunidade internacional para investimentos na reconstrução do país.¹³

Paradoxalmente foi à internação desses recursos que manteve uma frágil estabilidade política no Afeganistão, mas que possibilitou o inevitável surgimento de extremistas dispostos não permitir influências não islâmicas.

O tradicional extremo passou a ser o aceito, ou seja, uso de trajes adequados para as mulheres, o não oferecimento de educação para as meninas, o estudo do Alcorão ministrado conforme o Imã ou autoridade religiosa islâmica que interpreta o livro e protege a fé. Tudo isso imposto violentamente pelo governo tribal com influência suprema do Talibã.

Nessa época, o caos experimentado pelo povo afegão, com o fim dos recursos americanos destinados ao combate aos soviéticos, possibilitou o aporte de recursos provindos de radicais e países simpatizantes, que provaram ser capazes de permanecer no anonimato até hoje.

Dogmas Preceitos Elementares do Islamismo

O islamismo congrega diretrizes percebidas no judaísmo e no cristianismo, não só porque igualmente monoteísta, mas porque cronologicamente recente e por, essencialmente, buscar aproximar a humanidade de *Allah*.

Muhammad (570 a 632 d.C.) é a figura mais importante, embora homem e não divindade, que foi escolhido pelo anjo Gabriel para receber a revelação e as profecias compiladas no Alcorão.

O islamismo é caracterizado pela fé, pela razão e pela filosofia da palavra de *Allah*.

Cinco são deveres de cada muçulmano: a recitação e aceitação da crença (*Shahada*); orar cinco vezes ao longo do dia (*Salah*); pagar esmola (*Zakah*); observar o jejum durante o Ramadã (*Siyam*); e fazer a peregrinação a Meca (*Hajj*), se tiver condições físicas e financeiras.¹⁴

Todas essas ações obrigatórias são seguidas à risca por homens e mulheres muçulmanas, estas apenas dispensadas do jejum no Ramadan quando menstruadas ou enquanto grávidas.

¹³ WIKPÉDIA, **Afeganistão**, acesso em 12/5/2010.

¹⁴ **ISLAMISMO**, acesso em 06/05/2010, *passim*.

A *Shahada* ou aceitação da crença é uma demonstração pública de submissão aos preceitos islâmicos.

É comumente usada por ocasião de casamentos de uma mulher não muçulmana com um homem muçulmano, pois é obrigatória a conversão daquela ao islamismo. Mas curiosamente, se a mulher muçulmana casar-se com um homem não muçulmano, ela é quem deixará de ser considerada muçulmana, porque segundo os preceitos islâmicos, a mulher ao se casar aceita a fé professada pelo marido.

As preces diárias, cinco ao todo, de observação obrigatória, servem para lembrar ao homem que agradece à *Allah* por sua vida e pelos pequenos acontecimentos diários.

Pagar a esmola é uma obrigação muçulmana anual e segundo a orientação islâmica, o fiel deve doar 2,5% de sua riqueza anual diretamente para os necessitados; e quando o fizer, não pode ser ostensivamente, porque a arrogância além de não permitida pode o afastar de *Allah*.

A obrigação de dar esmola diretamente aos necessitados impede que os recursos sejam internalizados em mesquitas ou no custeio de suas atividades.

Sob esse ponto de vista, difere o Islã de outras religiões, porque não há qualquer obrigação do fiel em manter as edificações ou a pessoa encarregada da liturgia.

Em outras palavras, os prédios e locais sagrados são totalmente dispensáveis para o islamismo.

A função do jejum durante o mês sagrado do Ramadan é renovar a fé. Sabe-se que, durante esse período, há uma intensificação dos atos de caridade espontânea, além de possibilitar uma maior aproximação da família muçulmana, pois desde o nascer até o pôr-do-sol nem água pode ser consumida pelos fieis.

Nesse período particular, o Ramadan, aspectos como a renovação da fé, a prática da caridade e da oração assumem um significado mais solene e ritualizado.

O *Hajj*, ou peregrinação à cidade de Meca na Arábia Saudita, que reúne milhões de muçulmanos e sua liturgia, seguem os preceitos mais altruístas do Islã, porque se baseia na possibilidade e responsabilidade.

A decisão de partir em peregrinação não deve prejudicar ninguém, caso contrário o *Hajj* será inválido. O peregrino não deve contrair dívidas para fazer a viagem, não deve deixar dívidas por pagar e não deve deixar os membros da sua família sem recursos ou em situação desprotegida.¹⁵

¹⁵ WIKPÉDIA, **Hajj**, acesso em 12/5/2010.

É fundamental que o peregrino proceda com fidelidade todo o ritual, pois do contrário a invalidação é certa.

A partir do momento em que o peregrino se encontra a uma certa distância da cidade de Meca, deve proceder à entrada no estado de *ihram* ("sacralização", estado sagrado), que consiste em vestir a roupa (*iharam*) que usará durante a celebração dos rituais: duas peças de tecido brancas não cosidas e sandálias igualmente não cosidas. Enquanto permanecer no estado *ihram* o peregrino não deve cortar o cabelo, cortar as unhas, usar perfumes, matar animais, envolver-se em discussões ou lutas, manter relações sexuais ou contrair matrimónio. O peregrino volta outra vez a proclamar a sua intenção em efectuar o *Hajj*. Depois de entrar na Grande Mesquita de Meca o peregrino efectua o *tawaf*, que consiste em realizar sete voltas à Kaaba no sentido contrário aos ponteiros do relógio (cada volta é chamada de *shawt*, sete *ashwat* constituem o *tawaf*). Durante as sete voltas o muçulmano efectua orações. As primeiras três voltas devem ser efectuadas a um passo mais acelerado.

De seguida, o peregrino procede à prática do *sa'ee* (ou *sa'y*, "deambulação") percorrendo um corredor entre os montículos de Safá (Safa) e Meruá (Marwa), ainda dentro da mesquita, de novo sete vezes. Este acto recorda o desespero de Agar, mulher de Abraão, quando procurava água para o seu filho Ismael entre aqueles dois pontos. Os peregrinos podem também beber um pouco da água do poço de Zamzam, que se encontra na mesquita e que salvou Agar e o seu filho.

O peregrino recita depois o *talbiya*, uma oração na qual declara que faz o *Hajj* unicamente em honra de Deus.

Depois do pôr-do-sol os peregrinos dirigem-se para Mina, um local perto de Meca, onde acampam e passam a noite. Devem aqui realizar as suas orações. Termina aqui o primeiro dia do *Hajj*.

No dia seguinte (dia 9 do mês de *Dhu al-Hijja*), os peregrinos deixam Mina em direcção a Arafat, um local habitualmente referido como um monte, mas que na realidade é uma planície a cerca de 20 km de Meca. Uma vez em Arafat o dia é consagrado à oração, à leitura do Alcorão e ao pedido de perdão a Deus pelos pecados cometidos. O peregrino chego ao ponto alto do *Hajj*.

Após o pôr-do-sol os peregrinos dispersam, abandonando Arafat em direcção a Muzdalifah. Em Muzdalifah fazem a oração da noite e lá deverão passar a noite em tendas. Durante a noite recolhem-se pequenas pedras que serão usadas num ritual do dia seguinte. Antes do nascer do sol parte-se para Mina.

Em Mina os peregrinos atiram sete pedras contra três bétilos (pedras que eram adoradas como divindades nos tempos pré-islâmicos). A maior delas, *Jamarat al-Kubra*, representa hoje Satanás. O acto tem como simbologia o desejo de se renunciar ao mal e exaltar o Deus único. Cada peregrino deve depois sacrificar um animal (um carneiro ou um bode). Os ritos terminam com o início de um festival de três dias que celebra o fim do *Hajj*, o *Eid al-Adha* ("Festa do Sacrifício"). Uma vez que é impossível consumir toda a carne que resultou de cada um dos sacrifícios, as autoridades locais desenvolveram complexos de tratamento das carnes para serem mais tarde distribuídas pelos mais necessitados. Em Mina os peregrinos podem retirar os trajes que usaram durante os rituais.

Por último, o peregrino deve efectuar um *tawaf* e um *sa'ee* finais antes de se despedir de Meca.¹⁶

A longa transcrição acima é de suma importância para se entender o rito e a sua significação simbólica para o muçulmano e, igualmente, para contextualizar os dogmas da fé

¹⁶ Idem. Op. Cit. acesso em 12/5/2010.

islâmica que, enquanto desconhecida, gera medo ou insegurança quanto à legitimidade ou justiça de suas ações.

Conclusões

1. O Alcorão não manda matar, por isso a visão do Islã vem sendo deturpada por atitudes de poucos, que acabam por incutir no imaginário popular que todo o muçulmano é terrorista, ou que seja capaz de cometer barbáries ignóbeis, como as vistas no “onze de setembro”.

O livro do sagrado do Islã prega a generosidade, a fraternidade e igualdade, preceitos próximos aos adotados na revolução francesa e que mudaram o mundo, mas são cronologicamente anteriores ao iluminismo.

2. A barreira lingüística deve ser considerada como fator determinante para o total desconhecimento do mundo espiritual islâmico. E as traduções para diversos idiomas do Alcorão, hoje disponibilizadas até pela internet, além de inadequadas, não reproduzem com fidelidade a palavra revelada.

A língua árabe e seus inúmeros dialetos colaboram para os discursos radicais contra o inimigo comum e para as inúmeras interpretações do ensinamento de Muhammad, mas ainda com essa ressalva, não impede que novos convertidos compreendam a vontade de *Allah*.

3. Depois do “onze de setembro”, paradoxalmente, aumentou o número de conversões ao islamismo e com propriedade (Hobbes, 1651) ensina que:

O medo dos poderes invisíveis, inventados feio espírito ou imaginados a partir de relatos publicamente permitidos, chame-se religião; quando esses não são permitidos, chama-se superstição. Quando o poder imaginado é realmente como o imaginamos, chama-se verdadeira religião... Pois a verdade que não se opõe aos interesses ou aos prazeres do homem é bem recebida por todos.¹⁷

Os motivos para essa tendência ao crescimento, logo após os atentados em solo americano, não podem ser explicados ou bem compreendidos nas poucas linhas deste trabalho; e, por tudo o que anteriormente consignamos, arriscamos como a singela conclusão de que, na busca dessas respostas, acabamos questionando a nós mesmos, nossa fé e revelamos a verdadeira face do Islã.

¹⁷ HOBBS, Thomas H. de Malmesbury. 2000, *passim*.

Referências

DEL PRIORE, Mary. **Coleção História em Movimento**. 2.ed. São Paulo: Ática, 1995. 72 p.

GIL FILHO, Sylvio Fausto. Tolerância Religiosa I; *apud* FICKELER, Paul *in*: **Questões Fundamentais na Geografia da Religião**, [s.l], 1947

ISLAMISMO, disponível em: <http://www.culturageral.net/islamismo.htm>, acesso em 06/05/2010.

HOBBS, Thomas H. de Malmesbury, **Leviatã ou Matéria, Forma e Poder de um Estado Eclesiástico e Civil**. Tradução digital PDF de MONTEIRO, João Paulo e SILVA, Maria Beatriz Nizza da, [s.l], 2000

NASR, Helmi. **Alcorão, versão digital da tradução de seu sentido para língua portuguesa**, Ed. Complexo do Rei Fahd, Medina, 2009, p. 16.

SAMPAIO, Fernando G. **Notas sobre o fundamentalismo Islâmico**, Escola Superior de Geopolítica e Estratégia, disponível em <http://www.defesanet.com.br/esge/nsfi.pdf>, acesso em 12/5/2010.

WIKPÉDIA, enciclopédia eletrônica, **Afganistão**, disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Afganist%C3%A3o>, acesso em 12/5/2010.

_____. **Hajj**, disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Hajj>, acesso em 12/5/2010.

_____. **Jihad**, disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Jihad>, acesso em 12/5/2010.

_____. **Patriot Act**, disponível em: http://en.wikipedia.org/wiki/USA_PATRIOT_Act, acesso em 12/5/2010;